

MEMÓRIAS

MEMO 1: A IDA PARA TOMAR

Lembro-me de ir para Tomar formar Batalhão, dar aprendizagem de condução aos nossos condutores. Passar uns ricos fins-de-semana em Lisboa, ir acampar para as margens do Zêzere, com um frio de rachar e ter de trazer o Comandante todas as noites para dormir no Bem-Bom em Tomar.

MEMO 2: A IDA PARA A AMADORA, O EMBARQUE, AS DESPEDIDAS, A VIAGEM

Na ida para a Amadora, já estávamos mentalizados para a partida e foi aproveitar as últimas noites em grandes maluqueiras. O Embarque, foi triste, porque foi a constatação da realidade e o adeus às famílias angustiadas que ficavam no cais, na hora da partida como coincidia praticamente com a hora de almoço, um grupo de capangas desceu logo para encher o bandulho evitando as despedidas e o acenar dos lencinhos, a viagem correu bem, com as paragens já notificadas, de recordar em Lourenço Marques a entrega dos aerogramas e o tabaquito Açoriano se a memória não me falha "Caravela", pelas senhoras dos movimentos femininos.

MEMO 3: A CHEGADA A MOCÍMBOA DA PRAIA

A chegada a Mocimboa da Praia, foi de suspense, em barçaça, enfiados num buraco sentindo a maresia mas já com o estômago às voltas, com o tempo de viagem e já enjoados do comer já na parte final sempre a saber ao mesmo, o que nos valia a alguns eram os lanches, onde atacávamos nos bolinhos que sempre eram mais desenojativos.

MEMO 4: OS PRIMEIROS CONTACTOS COM A PICADA, A IDA PARA O CHITOLO

Os primeiros contactos com a picada, a ida para o Chitolo, foi realmente uma caminhada calma e de gente inconsciente dos perigos que nos esperavam, tivemos sorte, não houve qualquer contratempo, porque se olharmos hoje para as fotos que tirámos, podemos perceber do perigo que corremos se o IN se lembrasse de nos oferecer umas bazucadas ou distribuir umas minas.

MEMO 5: OS TEMPOS DO CHITOLO

Nos tempos do Chitolo, nos primeiros tempos ainda CHEKAS, sem a experiência do momento, durante a noite alguns jeitosos faziam umas rajadas para afugentar a bicharada e meter a malta toda em cuecas nas valas.

O tempo ia passando com a manutenção do equipamento em especial do Gerador, que era o que nos ajudava nas longas noites de África a manter um contacto entre todos e ajudava bastante na vigilância, noites sem gerador foram poucas, mas complicadas. O serviço era distribuído por escalas, uns faziam patrulhas outros tratavam da manutenção do aquartelamento, como seja o abastecimento de água e a comida. De quando em vez lá se fazia uma coluna até Mocimboa da Praia para abastecer o acampamento, aí sim por vezes eramos postos à prova e muitas situações difíceis se nos depararam. Não posso esquecer uma em que houve rebentamento de

mina em viatura que transportava a cuca, ficou lá um grupo combate a guardar a mercadoria enquanto o resto da coluna seguia para o Chitolo. No dia seguinte fiz parte da coluna que se deslocou para recolher os restos do material e o grupo de combate, ao chamamento não responderam, ficamos apreensivos, mas estavam só grogues tinham passado a noite a beber cuca, fazendo uma pilha de latas da altura da Berliet. Claro que o nosso teve logo a brilhante ideia de fazer um auto, onde colocou toda a carga. Também havia momentos bem caricatos, momentos de bola com tarefa bem a sério, grandes jantaradas quando se apanhava caça, não posso esquecer os 3 bois-cavalos que alguém apanhou e que deram para o pessoal comer bifés durante dias, encher as arcas e ainda sobrar um, que foi assado no espeto, pau da bandeira transformado, mas que apesar de toda a noite ir rodando não conseguiu atingir os seus intentos. Sempre que alguém fazia anos, lá tínhamos que emprestar um ombro para a "carpidação". Lembro também as peias dos mainatos, que faziam aguardente com pera de caju e álcool do Batista, das corridas com lagartos inflamados e mais alguns souvenirs que ficam para segundas núpcias, depois dos outros capangas se pronunciarem.

MEMO 6: AS OPERAÇÕES

Esta parte deixo para os combatentes.

MEMO 7: OS TEMPOS DE MOCÍMBOA DA PRAIA

Os tempos de Mocímboa da Praia, foram passados com mais divergências, havia muito mais pessoal, a proximidade do mar, do aeroporto e da população local, trazia outro conforto, as ocupações eram bem mais diversas, desde o ir beber umas bazucas ao china acompanhadas dos respectivos camarões, uns bons banhos na praia, umas noitadas nos comes e bebes no batalhão transportes. Com algumas situações caricatas, não me posso esquecer de uma que envolveu um Unimog que todos queriam conduzir na praia de maré vazia, só que com o passar do tempo a maré foi enchendo e depois só saiu de lá com o reboque do batalhão. Faziam-se uns saraus no Batalhão para animar a malta, que normalmente acabava sempre no Bar, tudo com grandes bezanas. Lembro-me também do saudoso BIBI e NEVES, que tinham uma colecção de LPs, do último grito, Pink Floyd, Bee Gees, Simon and Garfunkel, Santana, Procol Harum, Waterboys, Beatles, Creedence Clearwater Revival, Queen, Deep Purple, Roberto Carlos, Rolling Stones, etc.. o máximo. Lembro-me também de um jogo de futebol com todas as individualidades de Mocímboa entre a nossa companhia e locais, onde acabou tudo à porrada, tendo alguns dos nossos levado com uns dias na choldra.

MEMO 8: A ROTAÇÃO DA COMPANHIA E A NOVA VIVÊNCIA

Se em Mocímboa ainda havia a proximidade dos turras, aqui em Chibuto não se fazia sentir, aqui sim deu para os que tinham mais espírito aberto e não comprometidos com as lembranças de família, passarem uns bons tempos, entre as jogatinas, umas idas ao cinema da vila, umas visitas aos bares da vila onde se jogava poker de dados, uns passeios até João Belo, Xai-Xai, Bilene e Lourenço Marques. Lembro com saudade uma viagem que fizemos à Malvéria onde estava um pelotão de serviço e tivemos oportunidade de visitar os nossos vizinhos da Rodésia, que nos receberam em estupendos bangalós e com direito a um safari para ver os elefantes, festa que ia sendo estragada pelo camarada Paulo, que já estava bem aviado e lembrou-se de ir tourear os elefantes para cima de uma árvore, pensou talvez que estivesse nos Açores com

tourada à corda. Também recordo a colaboração que demos para o Rally que se realizou na zona, era do Banco Nacional Ultramarino, que nos proporcionou ainda uma visita a LM, para entrega dos prémios. Voltando a Chibuto o ambiente era tão calmo, que alguns camaradas recusaram ficar alojados no aquartelamento para ir conviver com a população local, claro que tudo em função das patentes, os oficiais em apartamentos os outros nas palhotas. Tive oportunidade de há dois anos visitar CHIBUTO, tive alguma dificuldade em encontrar o antigo aquartelamento, mas depois de achar o club lá cheguei, está transformado num campo de milho, mantém as paredes estruturais, estive dentro dos quartos cheios de árvores e folhas de anos, sem qualquer cuidado. Foi uma saudade que passou, mas que não marcou.

MEMO 9: O REGRESSO A LISBOA E AO SEIO DA FAMÍLIA.

O nosso regresso como bons combatentes, com direito a viagem em Boing das Forças Armadas, espólio no RAL1, e peluda, tempos para retemperar numas férias curtas e voltar ao trabalho rotineiro do dia a dia, até ao grande momento da revolução do 25/4/74.

José Lopes Forte
2015
in <http://CC2702.EU>

